



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Jaislânia Araújo Silva

**Agroecologia e Ancestralidade- Encantamento e fortalecimento da identidade e  
lutas camponesas nos Sertões de Crateús-CE**

Recife, PE

2024

Jaislânia Araújo Silva

**Agroecologia e Ancestralidade- Encantamento e fortalecimento da identidade e  
lutas camponesas nos Sertões de Crateús-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Antônio Bezerra Figueiredo

Recife/PE

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586a Silva, Jaislania Araujo  
Agroecologia e Ancestralidade: Encantamento e fortalecimento da identidade e lutas camponesas nos Sertões de Crateús-CE / Jaislania Araujo Silva. - 2024.  
38 f. : il.

Orientador: Marcos Antonio Bezerra Figueiredo.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Bacharelado em Agroecologia, Recife, 2024.

1. Agroecologia. 2. Campesinato. 3. Mulheres. 4. Bordado. I. Figueiredo, Marcos Antonio Bezerra, orient. II. Título

CDD 630.2745

---

Jaislania Araújo Silva

**Agroecologia e Ancestralidade- Encantamento e fortalecimento da identidade e lutas camponesas nos Sertões de Crateús**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel(a) e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 07 de março de 2024



Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Prof. Dr. Marcos Antonio Bezerra Figueiredo  
Orientador



Prof. Dr. José Nunes da Silva  
Universidade Federal Rural de Pernambuco



Profª Dra. Maria Virginia de Almeida Aguiar  
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Recife/PE, 2024

Dedico este trabalho de maneira sublime a minha amada família, minha fonte de inspiração nesta escrita. E a todos os camponeses/as, de forma especial as todas as meninas, jovens, filhas de agricultores/as que não tiveram acesso e oportunidade de cursar o ensino superior.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço as divindades e forças maiores do universo que me fortaleceram de fé e esperança durante esse período.

A minha amada família (D'Jesus, Araújo, Wesley, Vancisley, Jaisley e Diego) pelo apoio incondicional para minha permanência no Bacharelado em Agroecologia e na realização das pesquisas e atividades essenciais na construção dos conhecimentos em Agroecologia.

Ao meu namorado Thallys Emanuel, sua família e amigos mais próximos pelo incentivo, cuidado e companheirismo.

A minha amiga/irmã de infância e para além dessa vida Lara Saba, pela amorosa e gentil disponibilidade para realização das correções ortográficas, textuais e sugestões dessa escrita.

Ao meu orientador Prof. Marcos Figueiredo, pela dedicação, sutileza e compromisso na orientação da construção deste Memorial.

Ao meu grupo de território do Sertão, pela irmandade e companheirismo. Pelas lutas e alegrias travadas juntas. Essa caminhada é mais bonita de sentidos e conhecimentos porque vocês estiveram presentes. Como foi significativo aprender e crescer com cada uma nas suas particularidades.

A toda a minha turma pela singularidade e ternura dos laços fraternais construídos. Viver essa etapa da vida com vocês tornou o percurso mais leve, alegre, dinâmico, significativo e rico de muitas aprendizagens.

Ao coletivo de professores do Bacharelado em Agroecologia, em especial a Joanna Lessa, Virgínia Aguiar, Nunes da Silva e Gilvânia de Oliveira, pela capacidade dinâmica, crítica, reflexiva e humanística de conduzir a construção desse curso.

Agradecer aos funcionários Jerri e Cléia pela paciência e colaboração com a turma “que deixa a sala bagunçada e as cadeiras em círculo”. E a Téc. Administrativa Dani Santos, por tanta ternura, simplicidade e disponibilidade para facilitar as burocracias estudantis que sempre deixei pra cima da hora.

A família da minha amiga Raquel por aceitar e se disponibilizar com alegria a constituir meu ambiente de pesquisa e ação: etnoagroecossistema.

As instituições Casa da Mulher do Nordeste e Flor da Aurora, pelo acolhimento e conhecimento construídos através do estágio supervisionado obrigatório, fundamentais da minha formação pessoal e profissional.

## **Caatinga braba**

Grita minha voz de mulher.

Mulher caatinga braba

Mulher pé de Juazeiro

Útero-sangue-dor.

As botas do patriarca sob o meu pescoço, as botas do mercado sob o nosso corpo de mulher.

E ainda assim, disparo feito bala.

Rasgo a carne dos que me ferem.

Refaço a história contada,  
o dito, não dito, o disperso.

Aquilo que ecoa e  
fortalece as estribeiras  
da terra sagrada...

Minha alma que recita luta,  
Afoita canta o estridente som da liberdade,  
a força que transita na minha pele, nos dedos, nos punhos fechados para a batalha.

E em nós,  
Mãos-macambiras que se dão em luta  
E se fazem em garra  
Espalhando a vida pela aridez  
Desses chãos cheios de não;  
Mãos de mulher caatingueira.

Mulheres que não cabem em si,  
que expandem o significado da luta, almejando amanheceres que não se espelhem  
no passado,  
radicalizando e destruindo qualquer forma limitante-violenta de existir.

(Nina Maria)



## RESUMO

O presente Memorial Acadêmico apresenta a minha trajetória vivida ao longo dos quatro anos do curso Bacharelado em Agroecologia-UFRPE, estruturado em formato de linha do tempo, com o objetivo de apresentar, analisar e refletir sobre essa experiência, as aprendizagens adquiridas, os momentos marcantes e atividades de ensino, pesquisa e extensão. A construção se deu através de revisão de cadernos, textos, fotos, vídeos e conversas com amigos e familiares. Revela a minha história de vida e como se deu a escolha pelo curso e pela Agroecologia. Descreve, analisa e reflete as temáticas do Campesinato, Agroecologia e Feminismo, Bordado como arte-educação, que me marcaram nesse período, importantes na minha formação profissional e pessoal. Reconhecendo o papel valioso dos camponeses e camponesas na construção da agroecologia e o bordado como instrumento artístico/cultural, capaz de enriquecer e potencializar os processos de ensino-aprendizagem.

**Palavras-chave:** Memorial; Mulheres; Campesinato

## ABSTRACT

This Academic Memorial presents my trajectory over the four years of the Bachelor's degree in Agroecology-UFRPE, structured in a timeline format, with the aim of presenting, analyzing and reflecting on this experience, the learning acquired, the remarkable moments and teaching, research and extension activities. The construction took place through review of notebooks, texts, photos, videos and conversations with friends and family. It reveals my life story and how I chose the course and Agroecology. It describes, analyzes and reflects on the themes of Peasantry, Agroecology and Feminism, Embroidery as art-education, which marked me during this period, and were important in my professional and personal training. Recognizing the valuable role of peasants in the construction of agroecology and embroidery as an artistic/cultural instrument, capable of enriching and enhancing teaching-learning processes.

**Keywords:** memorial; women; peasantry.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BACEP	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular
EFA	Escola Família Agrícola Dom Fragoso
STR	Sindicato dos Trabalhadores/as Rurais
CEB	Comunidade Eclesial de Base
CPT	Comissão Pastoral da Terra
ESPLAR	Escritório de Planejamento Rural
CMN	Casa da Mulher do Nordeste
ESO	Estágio Supervisionado Obrigatório

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1	EU CAÇADORA DE MIM .....	12
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>18</b>
2.1	MODO DE VIDA CAMPONÊS E CAMPONESA .....	21
2.2	AGROECOLOGIA E FEMINISMO .....	25
2.3	BORDADO COMO ARTE-EDUCAÇÃO .....	31
<b>3</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente Memorial Acadêmico apresenta de forma descritiva, reflexiva e analítica a minha trajetória acadêmica no Curso Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular na Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE. Com isso, será apresentado a trajetória desses 4 anos (2019.1 – 2023.1) em formato de linha do tempo, primeiro começarei apresentando quem sou e de onde venho, para posteriormente partilhar os desafios, as experiências vividas de maneira articulada com as atividades de ensino, com a pesquisa, a extensão e o estágio obrigatório vivenciado durante o curso.

A sistematização do Memorial foi construída a partir da releitura de relatórios, revisão de textos, fotos e cadernos utilizados durante o período do curso. Além do diálogo entre familiares e amigos nos quais rememorei momentos importantes desta caminhada construída até o presente o momento. Dito isto, será apresentado ainda de maneira mais profunda as temáticas do Campesinato, Agroecologia e Feminismo e Bordado Livre como ferramenta de arte-educação.

### 1.1 EU CAÇADORA DE MIM

Me chamo Jaislânia Araújo Silva, filha de Maria de Jesus e Araújo. Recebi esse nome como sugestão da agente de saúde que acompanhava a gravidez de minha mãe, para ela, além de ser um nome bonito e diferente combinaria harmonicamente com os nomes dos meus irmãos: Wesley, Vancisley e Jaisley. Como nota-se sou a única filha mulher e depois de mim ainda nasceu o caçula, o Diego, quando ele nasceu os meus pais não tinham mais criatividade para as combinações nos nomes dos filhos, então acharam melhor colocar um nome de jogador de futebol famoso daquela época.

Quando nasci, meus pais eram moradores de uma fazenda na localidade do Monte Sinai no município de Independência-CE. Antes que eu completasse um ano de vida, eles retornaram para a localidade de Santa Luzia-Independência-CE, onde meus pais se criaram e onde moravam os meus avós maternos e paternos. Desde

então, esse é o lugar das minhas raízes, onde guardo as melhores lembranças e momentos da minha infância até a vida adulta.

Com as raízes fincadas no solo Semiárido do território Sertões de Crateús, construí minha territorialidade. Historicamente ocupado por diversas etnias indígenas, esse território revela através da resistência dos seus povos uma bonita história de luta, ocupação e organização ao longo de sua formação. Colonialmente explorado para criação de gado e algodão, carrega heranças desse período, principalmente em relação a má distribuição da terra e exploração pecuária.

A agricultura familiar é a principal atividade desenvolvida no campo, a paisagem dos roçados, com o cultivo de milho, feijão, fava, melancia, jerimum, predominam no período do inverno. Nos quintais as famílias cultivam hortaliças, fruteiras, plantas forrageiras, criam galinhas e suínos. A criação de animais de médio porte foi optada quando ao longo das secas as famílias não puderam manter vivo o rebanho bovino, mas ainda persiste. A escassez de água e alimento obrigou a população a reduzir os rebanhos, outros se desfizeram totalmente. Atualmente quem mantém o criatório de gado são os fazendeiros que tem outras opções de pasto durante o período do verão. Os agricultores familiares estão aprendendo ao longo das secas a produzir alimento para os animais e desenvolvendo técnicas alternativas de conservação e armazenamento de forragens, aprendendo a conviver com a seca.

Minha família sempre morou e sobreviveu do que o campo pode oferecer, dito isto, vivemos da produção do roçado, da criação de pequenos animais e da pequena produção do nosso quintal. Meu pai, Araújo, como um hábil camponês, nunca lhe faltara serviços a prestar na comunidade, ele trabalhava como pedreiro, garçom, churrasqueiro, além das diversas atividades comuns com o manejo da terra e dos animais. Também possui grandes habilidades artísticas, é membro de grupos de reisado, e tirador de dança de São Gonçalo, elementos importantes na construção da nossa identidade familiar camponesa e na vida comunitária, repassado de geração para geração. Alegremente também anima e contribui nas comemorações, e festejos religiosos cantando e tocando zabumba, triângulo e violão. Minha mãe, D'Jesus, uma mulher cheia de capacidades, também se dedicava ao árduo trabalho reprodutivo e aos cuidados da família, e quando tinha oportunidade prestava diárias de cozinheira

nas festividades, almoços e comemorações às famílias da comunidade e região, além de possuir saberes e práticas na confecção de remédios caseiros a base de ervas medicinais e plantas nativas da Caatinga cultivados por ela no quintal produtivo, junto com as fruteiras, hortaliças e legumes. Eu tive o privilégio de acompanhar meus pais em atividades que para mim, são muito marcantes, pois são parte da minha construção humana, e particularmente considero ser o elemento principal que me leva a chegar na agroecologia: o contato direto com a natureza como fonte de saúde, subsistência e qualidade de vida.

Guardo na memória com muito carinho as lembranças de quando todos íamos para o roçado fazer o plantio, era um momento importante, era um mutirão na família para concluir mais rápido o plantio de milho, feijão, jerimum e melancia. Levávamos alimentos e água para passar o dia todo no roçado, em alguns momentos, eu e meus irmãos nos dispersávamos para brincar na areia sob a sombra de frondosas oiticicas no riacho ao lado do roçado.

Levo no paladar uma memória afetiva da minha infância muito marcante com minha avó materna Toinha Mendes (in memoriam), sempre que me delicio ao comer melancia, minha hortaliça-fruto favorita, no qual ela também adorava. Quando chegava à época de amadurecimento das melancias, ela levava meus irmãos e eu para o roçado para nos deliciarmos de melancia. Ela sabia escolher as melancias mais vermelhas e doces para nos deliciarmos, o miolo era a parte mais desejada, ela dividia em partes iguais para todos nós. No final da comilança, cada um escolhia sua melancia para levar para comer em casa, me recordo que esse era um dia de muita alegria e fartura. Ela também sempre dizia que tinha de guardar as sementes das que nós mais gostávamos para que pudesse plantar novamente no inverno seguinte.

Há outra memória que destaco aqui, de muito encanto e doçura que vivi com meus pais. Eu deveria ter de 7 a 8 anos de idade, meu pai levou minha mãe e eu para caatinga (lugar de mata mais fechada, onde pastam os animais), nesse dia, ele nos mostrou a abelha moça branca, uma espécie de abelha nativa sem ferrão. Ele abriu o tronco da árvore com muito cuidado e com o apoio do inzó (graveto de mofumbo verde com as raspas da casca retiradas até próximo a extremidade e bem entrelaçadas, parecido com o formato de pirulito) conseguíamos nos deliciar com o mel. Envolvíamos o inzó dentro dos potes de mel e levávamos até a boca para chupá-lo.

A doçura daquele mel era indescritível, extremamente leve, docinho e dourado, seu sabor se misturava com o gosto das cascas do mofumbo e era impossível de enjoar.

Quando cheguei na minha adolescência, decidi cursar o ensino médio na Escola Família Agrícola Dom Fragoso-EFA, por incentivo principalmente do Técnico de campo José Aldy, que nesta época, desenvolvia na minha comunidade o Projeto Dom Hélder Câmara. Através deste projeto, ele formou um grupo de jovens na comunidade com foco na produção e distribuição de mudas nativas para as famílias beneficiadas pelo projeto, ou seja, para as famílias arborizar o terreiro de casa e o quintal.

A EFA Dom Fragoso é uma escola do campo localizada na comunidade Santa Cruz, município de Independência-CE, fundada em 2001 através dos trabalhos das Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, com o apoio da Diocese de Crateús, Comissão Pastoral da Terra-CPT e Sindicatos dos Trabalhadores Rurais-STR. Ela nasceu a partir da angústia e insatisfação de camponeses e camponesas que viam seus filhos abandonarem a terra e suas famílias para buscar nas grandes metrópoles, as oportunidades de trabalho e melhoria de vida. Os camponeses/as queriam uma educação que aproximasse os filhos/as com o campo, que os ensinasse a trabalhar com a terra e que pudessem assim permanecer no campo com dignidade e qualidade de vida.

Foi nesta escola que aprendi sobretudo sobre a vida, de maneira humanizada e passei a gostar ainda mais do campo, reconhecendo neste, um lugar de muitas possibilidades. Sendo elas, a criação animal, vegetal, o uso e importância das tecnologias sociais e das técnicas necessárias para a convivência com o semiárido.

A Pedagogia da Alternância, ferramenta luz que concretiza o projeto de educação que a EFA assume no território dos Sertões de Crateús, me possibilitou a experiência de vivenciar e aprender em diferentes espaços que foram além da sala de aula. Nesse método de ensino, a construção do conhecimento é feita de forma coletiva, valorizando o saber popular dos camponeses/as e sua cultura e reconhecendo esses saberes em diálogo com os conhecimentos científicos (Borges e Gonçalves,2021). Essa prática pedagógica iluminada pela filosofia do bem viver, permitiu-me avivar minha identidade de jovem camponesa e pertencimento ao lugar onde vivo. Construindo relações e elos fortes com a vida comunitária e me fazendo



aprender sobre a minha história, origem do meu povo e da comunidade na qual faço parte, tomando responsabilidade do processo educativo que acontece de modos diferentes e em espaços diversos através da pedagogia da alternância.

Outro momento da minha vida que me levou para a Agroecologia foi uma experiência de trabalho na organização não governamental no Escritório de Planejamento Rural (ESPLAR) - Centro de Pesquisa e Assessoria em 2018 e essa foi minha primeira experiência profissional de assistência técnica e extensão rural-ATER. O Esplar atua no semiárido cearense desde 1974 com a missão de fortalecer os movimentos sociais na construção de uma sociedade solidária e ecologicamente sustentável, em defesa da agricultura familiar, da agroecologia e do direito das mulheres. Nesse espaço, eu passei a ouvir com muita frequência falar de Agroecologia, e de sua importância como base indispensável no trabalho de ATER desenvolvida com os agricultores/as. Nessa instituição, vivenciei minha primeira formação com as temáticas de agroecologia e gênero, facilitadas por Alzira Saraiva e Magnólia Said. Muitas janelinhas e inquietações se afloraram na minha cabeça com as aprendizagens construídas nessa formação. Pois compreendi a importância de uma ATER comprometida com as práticas agroecológicas em diálogo com as tecnologias de convivência com o Semiárido, principalmente as de captação de água para fortalecer a agricultura familiar, a produção de alimentos livres de agrotóxicos, a preservação da agrobiodiversidade e as sementes crioulas para garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional dos camponeses/as.

A perspectiva feminista é um dos fundamentos teóricos prioritários na ATER desenvolvida pelo Esplar, pois ela é utilizada para combater as desigualdades e violências de gênero e na luta pela garantia dos direitos das mulheres. Portanto, a Agroecologia e Feminismo são articulados para contribuir e transformar o modo de sentir, pensar e agir das mulheres, afim de mudar a realidade em que vivem, além de promover a auto-gestão como estratégia de organização para lutarem pelo acesso a políticas públicas e direitos, como uma ferramenta de ação para o enfrentamento às violências e desconstrução do patriarcado. De acordo com Calado (2021, p.93 apud Saffioti,2005, p. 41) “patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres”. Sobre isso será mais adiante aprofundado enfatizando algumas questões e reflexões.

Posteriormente, o Bacharelado em Agroecologia, chegou ao meu conhecimento através da Professora Rosane Nunes da Universidade Federal do Cariri-UFCA, no qual desenvolveu trabalhos na área de jornalismo e comunicação popular na EFA Dom Fragoso, e a partir daí, ela comentou que estava sendo construído esse curso na UFRPE, e que era ideal para egressos das EFA's, pois era um curso voltado para jovens do campo em regime de alternância, permitindo o vínculo com o seu território. Assim que a universidade fez a publicação do edital, a Prof<sup>a</sup>. Rosane compartilhou nas suas redes e divulgou nos grupos de egressos da EFA, e eu que já estava esperando pelo lançamento, de forma imediata, fiz a minha inscrição. Não criei expectativa, pois sabia que pela proposta do curso e por ser a primeira turma a concorrência poderia ser grande, apesar disto, para a minha alegria e felicidade, fui convocada para compor a primeira turma do curso.

Escolhi o Bacharelado em Agroecologia porque desejei desde a experiência vivida na EFA cursar o ensino superior na área das ciências agrárias. Desejava uma profissão que não me desvinculasse do campo e nem da família. Um curso que me aproximasse da minha realidade para contribuir com a melhoria de vida dos agricultores/as, camponeses/as e que me permitisse trabalhar em contato com a natureza, a terra e os animais. Entretanto, eu ainda almejava uma profissão que fizesse sentido para além do desejo da remuneração profissional. Vale ressaltar que iniciei o curso de Zootecnia em 2016, cursei até o 3º semestre e foi extremamente desafiador, pois era um curso intenso demais pra quem tinha que trabalhar e estudar. Compreendi que aquele lugar não era pra mim no momento que ousei comunicar a coordenação sobre a didática de uma professora no qual não estávamos respondendo positivamente, e ainda é imprescindível mencionar que toda a turma estava com dificuldade e com notas abaixo da média. Porém, segundo a coordenação, a turma deveria se esforçar mais e buscar uma monitoria de modo que servisse como um reforço da disciplina, e que esse não era um problema da professora, e foi nesse momento que decidi trancar o curso. Essa decisão também veio acompanhada do discernimento de que eu só gostaria de entrar em outro curso, quando de fato fosse algo que tivesse articulado com a minha identidade e tivesse ligação com a educação do campo, na qual eu acredito e experimentei, de maneira dialógica, participativa e

humanizadora. Até então, nesse período eu acreditava que não teria outra instituição além das EFA's que oferecesse uma educação nesse sentido.

Efetuei minha matrícula na melhor turma. Uma turma linda, amorosa, acolhedora, cheia de alegria e com uma energia muito boa. Cada um na sua individualidade, trazendo potência, aprendizagens, desafios, medos e sonhos. Também oferecendo suas habilidades e construindo com muita amorosidade um laço de amizade imensurável e essencial para a permanência das pessoas no curso. Me sinto honrada por caminhar, aprender e crescer com cada um e cada uma.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A partir de agora apresento a linha do tempo construída nesse período de 4 anos, revelando as temáticas que me marcaram e o período, os momentos mais marcantes, e outros acontecimentos significativos no contexto da vida pessoal e da sociedade. Todas as informações apresentadas serão contextualizadas com as temáticas de interesse, aprofundadas adiante.



## Relembrando a caminhada



2019

2020

Semestre	Temas de interesse	Momentos marcantes	Contexto da sociedade	Contexto pessoal/coletivo
1º	Apropriação dos conceitos de Agroecologia, Campesinato e Educação Popular; Sistemas Agroalimentares	Imersão no território da Zona da Mata Sul-PE; Participação no XII CBA	Desmonte da educação e das políticas públicas-Desgoverno Bolsonaro	Contribuição na Direção da Associação Escola Família Agrícola de Independência-CE
2º	Modos de apropriação da natureza e racionalidades camponesas	Visita ao Museu do Homem do Nordeste; Imersão na Zona da Mata Norte-PE; Visita ao agroecossistema da família no colega Orumilê. Período Letivo Excepcional-PLE : Re-conhecendo os territórios a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação Popular; Criação do Coletivo Bordando pelo Cuidado.	Início da Pandemia do Covid-19 e isolamento social.	Inverno bom e muita produção no roçado e quintal da minha família; Isolamento social; Aprendendo a arte do bordado livre;



## Relembrando a caminhada



Semestre

Temas de interesse

Momentos marcantes

Contexto da sociedade

Contexto pessoal/coletivo

2021

2º-3º

Cultura Corporal e Campesinato; Processos grupais e subjetivos em contextos rurais; Agrobiodiversidade, sistemas de produção e estilos de agriculturas.

Imersão virtual nos territórios dos Sertões de PE e CE; Exposição Virtual KAKUNDÊ: Bordados, cuidados e territórios tecidos pela Agroecologia;

Isolamento social; Início da vacinação contra o covid-19

Trabalho de Assistência Técnica com apicultores no município de Boa Viagem  
Sai da casa dos meus pais para morar sozinha

2022

4º-5º-6º

Construção do conhecimento camponês e Camponesa e Feminismo; Construção do conhecimento Camponês e Redesenho de agroecossistemas. Construção do conhecimento do camponês/a; Estilos sustentáveis de agricultura.

Imersão virtual no território do Agreste-PE; Retomada e reencontro das vivências presenciais na Universidade; Imersão Presencial no território do Agreste. Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária; Imersão presencial no território do Agreste e implantação de sistema agroflorestal no agroecossistemas dos colegas Anna e Raul em Buíque-PE.

A esperança e o amor venceram ódio: Governo de esquerda democraticamente elege Lula Presidente do Brasil

Mudança de etnoagroecossistema. Início de implantação de sistema agroflorestal junto ao Coletivo Arteando.



## Relembrando a caminhada



2023

Semestre	Temas de interesse	Momentos marcantes	Contexto da sociedade	Contexto pessoal/coletivo
6º-7º-8º	<p>Optativa: Gênero, Feminismos e Agroecologia - Prof.<sup>a</sup> Laetícia Jalil;</p> <p>Sistematização de Experiências</p> <p>Optativa: Criação e manejo agroecológico de animais - Prof. Felipe Jalfim</p> <p>Optativa: Análise de sustentabilidade de agroecossistemas - Prof.<sup>a</sup>. Ana Cláudia</p>	<p>Jornada Universitária em defesa da reforma Agrária.;</p> <p>Imersão no território dos Sertões do Araripe e Pajeú-PE;</p> <p>Imersão no território de Recife e Região Metropolitana;</p> <p>Facilitação da Oficina -Bordando a Agrobiodiversidade pelo Coletivo Bordando no X Seminário Nacional de Agrobiodiversidade e Sementes Criolas do Movimento Camponês Popular-MCP</p> <p>Estágio na Casa da Mulher do Nordeste;</p> <p>Imersão no território Sertão do São Francisco-PE e Sertão de Crateús-CE;</p> <p>Apresentação do relato de Experiencia: Bordando e comunicando sobre as mulheres camponesas e suas lutas nos territórios: aprendendo com a arte- educação e a agroecologia</p> <p>Estágio no Meliponário Flor da Aurora</p>	<p>Declarado o fim da pandemia do covid-19</p> <p>Retomada das políticas públicas para o campo e construção da agroecologia</p>	<p>Retorno para Boa Viagem para trabalhar com assessoria técnica para agricultores/apicultores</p>

Essa caminhada revelou grandes aprendizagens, atravessada também por grandes desafios, como o exemplo da pandemia do covid-19. Durante esse percurso houveram grandes desafios individuais e coletivos, sendo eles:

- **Ensino remoto:** a chegada repentina e assustadora da pandemia nos obrigou a aderir o isolamento e distanciamento social. O uso da tela era a única possibilidade para continuarmos estudando, com isso a frieza da tela me assustou, já que antes estávamos acostumados com o contato visual, a presença física e calorosa. Era frustrante a forma como o governo negava a crise sanitária e a sua gravidade, desmerecendo a ciência e os estudos para criação das vacinas. Várias pessoas da turma desistiram do curso, outros adoeceram, professores também estavam abalados e alguns até mesmo doentes. Foram quase 3 semestres no formato remoto, mas segui resistindo, esperando e acreditando na ciência que avançava ainda que mesmo devagar na criação de uma vacina eficiente contra o covid-19.
- **Oportunidade de trabalho e conciliação com os estudos:** Ainda durante a pandemia, no início de 2021, fui motivada pelo meu amigo José Aldy a fazer uma seleção para trabalhar com assessoria técnica para agricultores/apicultores através do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural-Senar. Fiquei balançada a tentar pois sabia dos desafios financeiros que me aguardavam quando voltasse às aulas presenciais, principalmente com os custos das passagens. Inicialmente eu estava intrigada e receosa, já que a instituição do trabalho era muito tecnicista e defensora do agronegócio, nesse momento parecia que estava me desvinculando do que eu acreditava a partir da Agroecologia, entretanto, eu precisava trabalhar e decidi que essa era a minha prioridade. Vale ressaltar que essa vaga de emprego veio juntamente com a pandemia e o isolamento, gerando em mim uma ansiedade no qual eu ansiava por sair do meu ambiente familiar, tornando essa em uma boa oportunidade. Fiz a seleção e entrevista, me encorajei e fui viver essa experiência no município de Boa Viagem-CE, no território do Sertão Central. Lembro como hoje o quanto foi extasiante, em meio a pandemia ainda, pilotar a moto e cortar as estradas, sentindo o vento fresco e o cheiro maravilhoso do mato, natureza, das flores de pau branco que me acolheram quando cheguei naquele território, a paisagem parecia vestida de pés de pipoca, com árvores

enormes repletas de flores brancas. E com isso, eu decidi que faria o melhor que pudesse, dialogando com as aprendizagens construídas no curso e valorizando os saberes dos agricultores/as. Meu primeiro encantamento nesse território foi com a paisagem, cheguei no período de floração do pau branco, uma árvore endêmica do bioma Caatinga, que embeleza e perfuma as paisagens sertanejas. E posteriormente com os agricultores e agricultoras, seus saberes, e o modo de pensar e agir. Apesar do trabalho ser direcionado especificamente para a apicultura, fui dialogando e construindo com os apicultores/as a importância dessa atividade quando ela se integra as demais desenvolvida pela família para garantir o sustento e subsistência da mesma. Sempre refletindo a importância da integração das atividades vegetal e animal, como estratégia para a sustentabilidade de suas propriedades. Valorizando seus saberes e práticas, intrinsecamente camponesas, respeitando o tempo na natureza e se planejando a partir de seus ciclos. A estrutura tecnicista ela torna o trabalho de assessoria incompleto, pois não leva em consideração os fatores sociais, culturais, dentre outros. O trabalho é direcionado a desenvolver técnica eficiente na geração de resultados produtivos e consequentemente lucrativos. Foram 2 anos de muitas descobertas e conhecimentos construídos sobre as abelhas, a natureza e o mundo com os apicultores e apicultoras.

Durante esse período encontrei muita inspiração para continuar essa jornada, com as mulheres apicultoras, que se desafiavam e quebravam grande preconceitos sexistas e patriarcais, pela autonomia e protagonismo com que se destacavam gerando renda e empoderamento, através da criação de abelhas. Fui aprendendo com elas que as mulheres assumem muitos papéis dentro da atividade apícola que são invisibilizados, principalmente por seus companheiros. Relacionado a isso, fomos ao longo desse trabalho refletindo com as famílias sobre o papel importante que elas assumem nos processos de coleta e extração do mel, na limpeza dos equipamentos antes e após as coletas, além do envasamento e alguns casos também na comercialização. Nesse sentido fomos debatendo também a renda atividade, quena maioria dos casos não é dividida, embora em alguns casos a renda seja destinada para total subsidio familiar. Por ser uma atividade com maior participação dos homens, é muito desafiadora a inclusão das mulheres nessa atividade, mas o



nosso exemplo tem sido despertador para muitas mulheres e jovens acompanharam o trabalho que é massivamente exercido pelo homem do grupo familiar. Está nesse lugar de técnica, é quebrar também grandes barreiras, além do preconceito e assédio, precisamos prova nossa capacidade física e profissional para atuar dentro dessa atividade. Mas consegui fincar meu lugar e desenvolver um trabalho com grandes resultados, construí relações de confiança e dialógica com os agricultores/as, sem deixar de refletir as questões sociais, ambientais e econômicas, para além dos resultados técnicos, que também foram significativos e reconhecidos.

- **Mudança de etnoagroecossistema:** Durante esse período que estive trabalhando em outro município, tive grandes dificuldades para realizar as atividades de pesquisa com minha família, onde era meu etnoagroecossistema de estudo. Com o tempo muito limitado em decorrência dos semestres extremamente curtos, foi ficando mais difícil conciliar as duas jornadas, uma vez que precisava ainda visitar a família e realizar as atividades. Insisti, mas não estava entregando os trabalhos e pesquisas com a qualidade que deveria, cheguei a entregar relatórios incompletos, fora do prazo, além de todo o desgaste emocional, físico e mental. Foi quando decidi adotar um novo etnoagroecossistema, uma família que eu já acompanhava, que residia em Boa Viagem, onde eu trabalhava. Naquele semestre o eixo norteador, era “Agir no etnoagroecossistema”, foi muito desafiador, pois essa família não tinha contato sobre o conceito de agroecologia, saí da minha zona de conforto, experienciando no lugar de educadora desenvolver minhas atividades e contribuir com essa família. A seguir na Figura 1, um momento de oficina com inteira participação das mulheres sobre a importância das sementes crioulas nos sistemas agroflorestais.

Figura 1- Atividade sobre sementes



Fonte: Autora, 2024

Apesar do desafio enfrentado, concluí que essa vivência foi uma degustação sobre o papel e atuação profissional que uma Educadora em Agroecologia poderá se deparar, principalmente em territórios onde não chegam organizações que trabalham com Agroecologia. Sair da minha bolha e zona de conforto tornou as aprendizagens mais significativas, compreendendo que a vida é muito inconstante, cheia de surpresas e desafios, e requer de nós criatividade, flexibilidade e perseverança para superá-los.

É contemplando essa linha do tempo que agora vou evidenciar e aprofundar as principais aprendizagens que me marcaram nesse caminho, a partir das temáticas a seguir.

## 2.1 MODO DE VIDA CAMPONÊS E “CAMPONESA”

Eu nunca imaginei que o modo de vida que minha família culturalmente se reproduziu viesse a ser algo tão grandioso e que houvesse pesquisadores, escritores interessados em registrar e comunicar cientificamente sobre tal. Anunciando o cotidiano da minha família, os aspectos produtivos da diversidade de espécies

vegetais e animais, a integração, harmonia e como são manejados em equilíbrio com a natureza. A riqueza das relações sociais, a solidariedade e a cooperação, forjadas na vida comunitária, além da beleza cultural e artística.

Nas primeiras aulas ainda sem se aprofundar no conceito de campesinato, fomos motivados a usar nossa criatividade e criar um desenho, uma arte visual para representar o meu “Eu, camponesa”, conforme a Figura a seguir:

Figura 2- Eu, camponesa



Fonte: Autora, 2024

Nessa imagem eu busquei representar o agroecossistema da minha família, evidenciando as diversas atividades que desenvolvemos como: criação de caprinos, aves e abelhas, e o cultivo de algumas culturas forrageiras, frutíferas e ervas no quintal. Tem elementos que representam a cultura, a música e as festividades, presentes na minha família e na comunidade, desenhei o campo de futebol, o espaço de fazer caminhada e o malhada do poço (espaço de lazer com cachoeira e olho d'água). Eu fiz um girassol bem vistoso e colorido representando a educação do campo, simbolizado através do sol radiante de uma educação que ilumina a minha consciência e abre caminhos. O mandacaru é um elemento que representa a força, resiliência e beleza que os povos do campo têm com grande peculiaridade, e que faz parte da minha identidade e do lugar onde vivo, a comunidade Santa Luzia. Uma

espécie marcante da floresta da caatinga, e que possuem no sertão grandes possibilidades de uso na alimentação humana e animal, principalmente em períodos de secas, com precipitação abaixo da média.

Posteriormente, fomos coletivamente aprendendo e reconhecendo o conceito de Campesinato como um modo de vida e reprodução social que se estrutura inicialmente pelo acesso à terra da reprodução familiar a partir do manejo de pluriatividades agrícolas, pecuárias, artesanais que são providos pela própria mão de obra. E com isto, estabelecem relações comunitárias, de compadrio e parentalidade importantes para sua subsistência e reprodução (Wanderley, 1996). Desse modo, trazendo também aspectos e elementos do que evidenciamos na nossa caracterização do Eu camponês e camponesa, no qual enriqueceu e expandiu o nosso olhar sobre esse modo de vida.

Prof. Nunes pediu que voltássemos a rever nosso desenho do “Eu camponesa” após a leitura do Texto: Raízes históricas do campesinato brasileiro (Wanderley, 1996), e com isto, pediu que incluísse novos elementos, se assim achássemos necessário. Foi quando incluí no desenho uma cisterna de 2º água, tecnologia indispensável no aproveitamento de água no Semiárido. Também coloquei uma feira, evidenciando o mercado local, a comercialização em circuitos curtos, as trocas, a participação e presença da organização de jovens, mulheres e da Associação Comunitária. Vi a necessidade de incluir um grupo de mulheres reunidas no terreiro da casa. Os elementos escolhidos são desejos e proposições que eu enquanto estudante gostaria de contribuir com a minha comunidade afim de fortalecer a organização política, social, cultural e produtiva para o avivamento do campesinato e construção da agroecologia.

Ao passo que a sociedade moderna capitalista se fragmenta e se distancia cada vez mais da natureza, os camponeses/as tem ao longo da história construído sistemas produtivos em íntima relação com a natureza, através da observação, do manejo, e experimentação do uso da terra pelos conhecimentos empíricos que são repassados geração após geração. De acordo com Wanderley:

Para enfrentar o presente e preparar o futuro, o agricultor camponês recorre ao passado, que lhe permite construir um saber tradicional, transmissível aos filhos e justificar as decisões referentes à alocação dos recursos, especialmente do trabalho familiar, bem como a maneira como deverá diferir no tempo, o consumo da família. O campesinato tem, pois, uma cultura

própria, que se refere a uma tradição, inspiradora, entre outras, das regras de parentesco, de herança e das formas de vida local etc. (1996, pág.4)

Na lógica organizativa do campesinato toda a família assume papéis importantes na manutenção do sistema produtivo, uma vez que ele é totalmente dependente da mão de obra interna, o que faz com estes desenvolvam diversas habilidades e competências. Permitem-se experienciar a vida a partir do tempo da natureza, respeitando seus ciclos e tomando conhecimento holístico pela observação cautelosa dos elementos da natureza no qual vivenciam uma relação mística, de espiritualidade, cuidado e respeito com a terra, Mãe Sagrada.

O agroecossistema camponês é compreendido como um ecossistema diversificado e manejado com objetivo da produção de alimentos, insumos, matéria prima e geração de renda, fundamentais para a sustentabilidade do agroecossistema e subsistência familiar GLIESSMAN (2000). Ele é manejado de maneira muito sofisticada, estabelecendo relações dinâmicas, integradas e complexas, otimizando o uso da energia e recursos naturais internos disponíveis. Para Tardim:

O mundo camponês é formado por ecossistemas complexos, dos quais é preciso recolher e/ou transformar os materiais da natureza para assegurar a satisfação das necessidades vitais e reprodução social. A paisagem vai sendo aculturada com os cultivos agrícolas, a criação de rebanhos e o extrativismo florestal que envolvem o manejo de incomensurável biodiversidade e agrobiodiversidade. (2012, p.182)

Outro traço na cultura camponesa é a reprodução histórica e hegemônica do patriarcalismo que coloca o homem com superioridade na hierarquia familiar, na ocupação de espaços públicos e no poder de decisão econômica da família. A gama de trabalho que demandam o agroecossistema incumbe as mulheres uma divisão baseada pelo sexo, direcionados em sua maioria a cumprir no espaço doméstico todo o trabalho de cuidados e manutenção essenciais para o funcionamento do agroecossistema, além dos trabalhos desenvolvidos na criação vegetal e animal. Revelando uma sobrecarga de trabalho injusta que adoecem as mulheres camponesas. Como afirma Tardim:

A magnitude e a complexidade de seu quefazer exigem das mulheres amplos conhecimentos e habilidades vistos como obrigação de uma boa mulher e como ajuda ao marido. É um contexto secularmente opressor e repressor no qual a relevância dos afazeres e a dignidade do seu ser em geral não alcançam o devido reconhecimento, seja no interior da família ou no âmbito social. (2012, p.184)

Nesse sentido, para a agroecologia é indispensável o debate da questão de gênero, para desconstruir essa cultura de desigualdade nos agroecossistemas e na sociedade. Reconhecendo o papel protagonista das camponesas, motivando a participação, organização e ocupação nos espaços de poder, desvinculando seu papel restrito ao espaço doméstico. Redesenhar agroecossistemas em busca de sustentabilidade permeia a reflexão da divisão justa do trabalho reprodutivo e produtivo, visibilizando o papel das mulheres e juventudes que historicamente são invisibilizadas e negadas acesso à terra e a geração de renda, e tal responsabilidade é importante para construção da autonomia, protagonismo e empoderamento.

Para Wanderley (1996, pág.4-5) “a agricultura camponesa tradicional é profundamente inserida em um território, lugar de vida e de trabalho, onde o camponês convive com outras categorias sociais e onde se desenvolve uma forma de sociabilidade específica, que ultrapassa os laços familiares e de parentesco.” Portanto, quero destacar a importância do acesso e pertencimento à terra como elemento formador de sua territorialidade, seu modo de ser, pensar, sentir e agir, para além do seu meio de subsistência, como pudemos vivenciar através da imersão no território da Zona da Mata Sul-PE, no qual trata-se de um território de disputas e conflitos. A partir dessa imersão e em todas que vivemos, percebemos que sempre há camponeses sendo ameaçados e expulsos de onde viveram a vida inteira. A indústria capitalista e os grandes projetos avançam cada vez mais invadindo o campo para a exploração dos recursos naturais e gerando mais desigualdades, fome e pobreza nos territórios rurais. A invisibilidade dos camponeses/as nesse modelo de sociedade coloca em risco a sua existência e estudar, escrever e conhecer esse modo de vida, fortalece suas lutas e nos coloca responsáveis nesse enfrentamento.

Diante de tanta beleza, resiliência, riqueza de conhecimentos e também dos desafios, compreendi a partir dos estudos e pesquisas porque nosso curso carrega no seu nome o campesinato. É nessa fonte que mergulhamos para aprender, se inspirar e reconstruir o modelo de agricultura e de sociedade que queremos, reconhecendo os saberes também dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais articulados à agroecologia como ciência, prática e movimento.

## 2.2 AGROECOLOGIA E FEMINISMO

Desde que trabalhei no Esplar, fiquei fascinada pela temática de gênero, estudar e entender sobre a vida e racionalidade das mulheres camponesas.

O feminismo como movimento teórico e prático, se propõe a intervir na realidade, e nesse caso, quero salientar a realidade das mulheres camponesas. Possuindo um papel importante nos agroecossistemas, as mulheres camponesas têm através do Feminismo e da Agroecologia rompido com esse lugar de submissão e subalternidade imposto pelo patriarcado. Nesse sentido para Ávila:

O feminismo realizou uma conquista fundamental na transformação das relações de gênero ao instituir as mulheres como sujeito político do processo de transformação social, e essa é, com certeza, sua grande contribuição histórica para o Movimento das Mulheres no geral [...] (2005, pág.01)

Na Agroecologia as mulheres são reconhecidas como guardiãs da agrobiodiversidade, pois elas possuem conhecimentos ancestrais, presentes na oralidade, na cultura, no cotidiano, no manejo da terra, na sua relação com a natureza, nas suas manifestações de espiritualidade e de cuidado com a saúde e alimentação, que estão diretamente ligados a conservação da agrobiodiversidade. Desse modo:

A agrobiodiversidade é essencialmente um produto da intervenção do homem sobre os ecossistemas: de sua inventividade e criatividade na interação com o ambiente natural. Os processos culturais, os conhecimentos, práticas e inovações agrícolas, desenvolvidos e compartilhados pelos agricultores, são um componente-chave da agrobiodiversidade (Santilli 2009, p.69)

Dessa forma, é notório que a partir da vivência da minha realidade familiar, as mulheres têm historicamente ocupado espaços ao redor de casa, como quintal ou horta e tem cultivado uma diversidade de culturas agrícolas, acompanhados do criatório de pequenos animais como galinhas, patos, peru, sendo importantes para a soberania e segurança alimentar e nutricional da família como é apontado por Calaça (2021). No meu território as mulheres além de cultivar a produção de alimentos, também é cultivado ervas medicinais e plantas ornamentais que embelezam e perfumam ao redor de suas casas, ficando visível uma discrepância significativa nos agroecossistemas manejados pelos homens, que priorizam menos a diversidade da produção, embora ocupem espaços maiores do que as mulheres, como por exemplo o roçado.

Na comunidade Santa Luzia, as mulheres sempre assumiram liderança sobretudo da igreja católica como animadoras da comunidade, tomando frente nas celebrações, grupos de catequese, motivando sempre a participação comunitária no âmbito geral. Depois foram assumindo outros papéis, como liderança na Associação, professoras, agente de saúde, representante de pastorais, participando do sindicato dos trabalhadores rurais, dentre outros. Sobre essa realidade:

[...] nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e nas atividades conduzidas pela CPT que à luz das mensagens bíblicas ressignificadas pela Teologia da Libertação, (as mulheres) refletem sobre sua condição de vida e relações de caráter assujeitado com o trabalho e a terra. Mulheres camponesas tomam assento nesses espaços e, na década de 1980, ingressam em partidos políticos, participam das atividades das centrais sindicais e reivindicam lugares de participação da mulher na luta política. Andrade (2019, p. 30 *apud* Esmeraldo, 2013, p.242)

Nas imersões, desde a primeira, o protagonismo e lutas das mulheres sempre esteve muito evidente como na Mata Sul, zona canavieira de Pernambuco, por exemplo, as mulheres assumiram um papel importante de criação de vínculo com a terra, enquanto seus companheiros prestavam serviço aos donos das usinas de cana. Elas estavam em seu sítio, plantando, criando, e se firmando naquele território, colocando em prática seus saberes e experimentações. É claro que seus companheiros quando não estavam na usina também trabalhavam no sítio e no roçado, mas seu tempo era limitado comparado ao das mulheres.

Do agreste ao sertão fui aprendendo com base nas imersões que não se faz agroecologia sem as mulheres, elas são como as plantas pioneiras, vão abrindo caminho, cobrindo solo, descompactando a terra para outras vidas virem a crescer em abundância. Culturalmente elas exercem no mundo uma função de cuidado humanístico e holístico, que vem de encontro ao que a Agroecologia se propõe e indo além de um estilo de agricultura, tornando-se em uma ciência que tem na sua centralidade o cuidado afetuoso com quem garante a nossa existência: a mãe terra.

Na Ilha de Deus, em Recife, as mulheres também protagonizaram suas histórias com muita luta, que foi marcado pelo contraste da desigualdade e pela invasão da especulação imobiliária. As mulheres neste território lutaram incansavelmente pela construção da ponte que liga a ilha à cidade, um acesso que só era possível de barco já que precisavam atravessar o rio. A ponte, que recebeu o



nome Ponte Vitória das Mulheres, é um marco histórico fruto da luta e do poder de organização das mulheres da Ilha pela construção do bem viver naquele território. No campo e na cidade as mulheres seguem esperançosas em busca de um mundo melhor, e pela garantia de direitos com dignidade plena.

A experiência vivida no ESO I, na Instituição Casa da Mulher do Nordeste-CMN no sertão do Pajeú, foi fundamental na minha formação acadêmica. Dito isto, é importante salientar que a CMN é uma organização não governamental feminista localizada no Estado de Pernambuco, com escritório em Recife e Afogados da Ingazeira, no sertão do Pajeú. Fundada em 1980 com inspirações nas lutas de mulheres de vários espaços, que se organizavam no *Ação Mulher* no final dos anos 1970, articulação política de Pernambuco. Sua missão é fortalecer a autonomia econômica e política das mulheres, afirmando a agroecologia com base no feminismo e na igualdade racial.

Sobre a Ater Feminista, a Casa tem a partir da auto gestão sensibilizado e motivado as mulheres a construir outra sociedade, encorajando as mulheres a assumir espaços de poder e de tomada de decisão nas comunidades, associações, sindicatos e sobretudo no âmbito familiar. Oportunizando acesso a políticas públicas que fortalecem a produção dos quintais, a segurança, soberania alimentar, nutricional, a comercialização no qual garante a autonomia financeira que viabiliza o direito de decidir sobre sua renda, seus corpos e suas vidas. A casa também busca fazer uma leitura crítica feminista da realidade das mulheres, reconhecendo-as como sujeita política nos processos produtivos, com metodologias participativas de construção coletiva do conhecimento, na troca de saberes no campo agroecológico e na ação feminista.

A CMN tem insistentemente e permanentemente trabalhado com a Campanha pela Justa Divisão do Trabalho Doméstico, a campanha visa construir uma realidade mais justa para as mulheres, a divisão do trabalho injusto impede mulheres de sair de casa, de participar da/na comunidade e na sociedade, pois muitas delas enfrentam dupla ou tripla jornada de trabalho. Além de ser um desafio no trabalho com mulheres, esse também é um grande desafio para a agroecologia, uma vez que a sobrecarga afeta diretamente a saúde e qualidade de vida das mulheres, já que é impossível fazer agroecologia com mulheres sobrecarregadas e adoecidas.

Conclui que a agroecologia tem que ser de fato um projeto de sociedade que precisa ser assumido pelo poder público. As ONGs com todas as suas fragilidades tem usado a agroecologia como ferramenta para tornar o semiárido um lugar vivo, de pessoas felizes, trabalhadoras, lugar de fartura, produção de alimentos, de cultura e de luta. Para as instituições feministas o desafio é ainda maior, já que há um grande embate na luta pela dignidade e melhoria de vida das mulheres no semiárido, e com isto, é preciso mais que coragem que perpassa a questão profissional. É uma militância constante que precisa ser visibilizada e custeada como política pública permanente de acessível para todas as mulheres.

Toda essa vivência do ESO revelou para mim o quanto meu território é jovem nessa caminhada pela construção da agroecologia, beber dessa fonte do território do Pajeú me encoraja, alimenta, acende a chama na luta em defesa do meu território vivo e pela agroecologia.

Durante o curso, ao final de cada semestre apresentamos em grupos, divididos por território, uma síntese lúdica sobre as aprendizagens adquiridas. Esse momento chamado de culminância revela a capacidade de síntese das aprendizagens a partir de diferentes linguagens artísticas, culturais e audiovisuais no formato de apresentações aberto ao público e para comunidade acadêmica. É importante destacar que a culminância faz parte do processo avaliativo da aprendizagem individual e coletiva, ela é a apresentação da síntese dos aprendizados e desafios vividos durante o semestre, em que os estudantes divididos por grupo de território constroem coletivamente. Meu grupo de território, Sertão, foi composto por sete fortes mulheres sertanejas: Ana Sabrina, Caroline Alves, Irís Maria, Soraya Sindcy, Tatiane Faustino e por mim, Jaislânia, e com essas mulheres eu aprendi muito sobre feminismo, crescemos e aprendemos juntas, reverberando a contribuição das mulheres do campo na construção da agroecologia a partir da nossa realidade e território. Para nós esse foi um compromisso assumido desde a construção da primeira culminância. Este grupo formado exclusivamente por mulheres não era atoa, nós tínhamos que, pelas nossas vozes, corpo e mentes revelar a força do território feminino sertanejo que ocupara esta universidade, honrando toda nossa ancestralidade camponesa e abrindo caminhos para as que ainda virão.

Nossas apresentações sempre foram muito alegres, místicas, cheia de significados e reflexões e como um grupo grande, havia muitas habilidades e jeitos diferentes de experienciar a arte e a educação, o que tornava ainda mais rico nosso processo formativo. Também havia muitos desafios, tantas mulheres cada uma com personalidade mais forte, fazendo com que conflitos e divergências aparecessem, mas apesar de nem sempre ser harmônicas as construções, fomos aprendendo que isso fazia parte do processo. Na figura 3, é possível ver alguns dos momentos de culminâncias.

Figura 3 – Preparação de Culminância



Fonte: Autora, 2024

Com as avaliações e autoavaliações amadurecemos individualmente e coletivamente. Apesar da dureza que esse processo se dava, sempre soubemos com muito cuidado, respeito e amor, vivenciar essa etapa de avaliação. Havia choros e alegrias, mas saíamos fortalecidas para continuarmos o percurso. Muitos colegas foram desistindo do curso por diversos motivos, mas no nosso grupo não houve nenhuma desistência. A dimensão do cuidado entre nós estava sempre presente para não deixar nenhuma se desmotivar ou desistir, enfrentávamos os problemas individuais coletivamente.

Outra coisa bonita que quero salientar sobre essas mulheres, é a capacidade artística peculiar de cada uma, sua subjetividade e trajetória no mundo, rica de uma infinidade de capacidades intrinsecamente autênticas. Isso denotou ao nosso grupo uma característica distinta dos demais. Fomos aprendendo umas com as outras, inspiradas a crescermos juntas, partilhando nossos saberes e habilidades, na

oralidade, no teatro, na poesia, na escrita, na dança e diversas outras coisas. É uma gama de muita riqueza, há uma grande misticidade nesse coletivo, envolvida com as forças na natureza e a potencia do feminismo que pulsa em cada uma de nós. O lugar de mulher sertaneja, agricultora, pobre e preta na universidade estremece as estruturais dessa sociedade machista e patriarcal, estamos quebrando ciclos de negação de direitos de nossas ancestrais, construindo novas histórias para as mulheres das nossas famílias, comunidades e territórios. Por isso nossas apresentações de culminância sempre tão latentes com as questões de gênero e feminismo, é um rompimento histórico.

As sertanejas educadoras me ensinaram sobre empatia, sororidade, afeto e solidariedade. Descobrimos que quando se juntam mulheres destemidas, resilientes e teimosamente viventes, a vida toma maior sentido e nos encoraja a ser protagonistas da nossa própria história. Dito isto, eu sou porque somos.

### 2.3 BORDADO COMO ARTE-EDUCAÇÃO

Com a chegada surpresa e assustadora da pandemia do covid-19, a universidade decretou o isolamento social por tempo indeterminado e estávamos iniciando o segundo semestre em 2020. Determinada a grandeza da crise sanitária que vivenciávamos, na contramão, decidimos manter interligado o nosso elo com o curso, os colegas e professores. A partir do Grupo de auto gestão Infraestrutura e Cuidados propomos criar um grupo para bordar, e paralelo a este fazer, manteríamos encontros semanais para conversar, se apoiar e se cuidar em tempos tão difíceis. No BACEP, estudantes e professores assumem co-responsabilidades no processo pedagógico, através da atuação, organização e distribuição dos grupos de auto gestão. Foi um exercício colaborativo e participativo para assegurar o funcionamento do Curso de forma descentralizada e com protagonismo dos discentes. A proposta era ousada, mas conseguimos ter a participação dos alunos, professores e de amigos parceiros do curso. Ao grupo, denominado como Coletivo Bordando pelo Cuidado, tem como objetivo central: o cuidado, uma dimensão importante para a Agroecologia, com um sentido humanizador indispensável nos processos educativos. Posteriormente, o grupo de bordadeiras e bordador se tornou um Projeto de Extensão

Universitária: Bordando pelo Cuidado-Agroecologia e arte-educação em tempos de pandemia.

O Bordado livre, como traduz o próprio nome, é livre, com uma diversidade de pontos e com a possibilidade de criação dos seus próprios pontos, o que torna cada ponto um caminho cheio de autenticidade, personalidade e sentimentos. Portanto:

O Bordado Livre consiste em manter a tradição como base e os pontos tradicionais são utilizados com o objetivo de ultrapassar as regras básicas. Preencher espaços sem uniformidade, dimensionar profundidade, compor desenhos e tramas, enfim dar efeitos sensíveis que fazem da tradição do bordar a base para transformar e colocar essa linguagem entre as artes visuais. A opção por não utilizar bastidores, a possibilidade de criar o próprio desenho e bordá-lo, também são aspectos que compõem a técnica do bordado livre. Santos (2016, p.30) *apud* Ziani (2013, p.194)

Nesse sentido lançamos linhas, agulhas e tecidos para aprender o bordado livre, motivados principalmente pela Prof.<sup>a</sup> Virgínia Aguiar. Decidimos então que o mote da nossa bordação seria: Agroecologia, Cuidados e Território. Na Figura 4 a seguir, o meu primeiro bordado com o mote proposto:

Figura 4 - Bordado: Em casa, no sítio.



Fonte: Autora,2024

Em meio às cores, pontos e texturas esse bordado carrega a sua tradução desse tempo vivido: em isolamento social, praticamos e reafirmamos a importância da produção e consumo da comida de verdade, reconhecendo a força peculiar e potente que as mulheres exercem na vida do nosso sítio familiar. O girassol é o sol que irradia nossa caminhada, neste momento e, por isso, é pertinente mantermos o cuidado com a vida nas suas diversas formas, na conexão entre nós dentro dos territórios e no BACEP, onde o afeto é como força revolucionária e essencial, e do bem viver, sendo nossa constante busca de produção proporcionando uma vida digna para todas as pessoas.

Esse e os outros bordados produzidos fizeram parte de uma Exposição Virtual chamada KAKUNDÊ: Bordados, cuidado e territórios tecidos pela Agroecologia, organizada pelo grupo e apresentada no perfil do Instagram Bordando pelo Cuidado, a abertura aconteceu em uma aula inaugural do nosso curso, ainda em formato virtual.

Os bordados trouxeram elementos diversos como os temas do cuidado, da comida de verdade, das vivências no território, no agroecossistema da família sobre o campesinato e nas suas lutas, na agrobiodiversidade, nos aspectos culturais de identidade e subjetividade. Ainda se apresentaram em forma de manifesto e denúncia, com o bordado político e a presença de muita força feminina, sua atuação e lutas em seus territórios. Trazendo sempre questões, leituras e reflexões sobre a realidade vivida.

Ainda houve participação de outros estudantes do curso, poetas e poetisas foram convidados a trazer suas habilidades artísticas poéticas, através do mote: Resistindo, cuidando e bordando, territórios bem vivendo Agroecologia. A partir das poesias construídas por elas/elas nós bordadeiras e bordador, realizamos a interpretação visual bordada dessas poesias. Foi um lindo exercício criativo e colaborativo que enriqueceu ainda mais a nossa bordação e reflexões sobre esse mote. Estas poesia-textos-bordados também compuseram a Exposição realizada.

O grande produto final dos bordados feitos na pandemia tem se tornado um Kakundê, nome escolhido por nós que apresenta a ideia de colcha, enfeitadas por chitas, no nosso caso, uma colcha/mural com tecidos-textos-bordados como um instrumento didático e pedagógico que pode auxiliar em aulas, oficinas, seminários, místicas, culminâncias etc.

Para mim, o bordado antes compreendido como uma arte simples, limitada ao ambiente doméstico e praticado pelas mulheres, agora toma outra proporção, atravessada por um encontro profundo comigo mesma, que é inevitável nesse mundo das artes, me permitiu sobretudo materializar minha subjetividade, com livre expressão para comunicar, anunciar, manifestar, refletir, descobrir, criar e potencializar outras formas de construir conhecimento acerca da agroecologia.

No BACEP, a arte é um elemento visível que se relaciona com os conteúdos e conhecimentos construídos que através de ferramentas criativas e integrativas, auxiliam principalmente na sistematização dos aprendizados, com diferentes linguagens artísticas e audiovisuais que enriquecem o processo formativo dos estudantes e também dos professores.

Para finalizar, gostaria de ressaltar o quanto foi potente o momento da apresentação que fizemos, eu, Samara Santana e Tatiane Faustino, com o apoio e incentivo de Prof.<sup>a</sup> Virginia Aguiar, apresentamos o relato de experiência: Bordando e comunicando sobre as mulheres camponesas e suas lutas nos territórios: aprendendo com a arte-educação e a agroecologia, no XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, no área temática: Arte, Cultura, Comunicação Popular e Agroecologia . Essa experiência foi além da riqueza dos trabalhos que assistimos, pois juntamente com a arte pulsando na construção do conhecimento em Agroecologia, podemos ver e sentir o quanto de encantamento, conteúdo e curiosidade se revelam com os bordados. A arte não se dissocia da vida, elas caminham de forma integrada e tornam mais rica de significados e sentidos os processos de ensino aprendizagem.

### **3 CONCLUSÃO**

Após essa caminhada transformadora, de formação profissional e pessoal, eu cresci muito até o presente momento. A bagagem de conhecimentos foi muito ampla e diversa, uma vez que a Agroecologia abrange muitas áreas do conhecimento, desde questões técnicas, políticas, sociais, culturais, econômicas e ambientais com foco em um estilo de agricultura ecologicamente sustentável.

A agroecologia enquanto ciência em construção, reconhece no campesinato umas das principais fontes de saberes da construção dessa ciência na qual

proporciona uma religação do ser humano com a natureza, na perspectiva da sustentabilidade, da preservação e conservação dos bens naturais, da produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, praticando um estilo de agricultura que respeita o tempo da natureza e o equilíbrio dos ecossistemas, garantindo soberania e segurança alimentar e nutricional.

Nesse sentido, compreendo o meu papel como Educadora em Agroecologia com capacidade para mediar os processos de assessoria a partir de uma perspectiva pedagógica participativa, com base na agricultura camponesa, com enfoque holístico e na abordagem sistêmica, levando em consideração todas as relações dos sujeitos com a natureza e seu modo de pensar, agir e existir no mundo. Aprendi a importância da educação popular nos processos formativos para dialogar com diferentes saberes e sujeitos, seja no campo ou na cidade, tendo como princípio a realidade vivida pelos envolvidos, valorizando seus saberes e identidade. Utilizando metodologias participativas, conscientizando, mobilizando para a organização e ocupação dos espaços de tomada de decisão, articulando questões da produção com as socioeconômicas e culturais, comprometida com a emancipação dos sujeitos.

Sobre as mulheres, enfatizo a importância dos seus saberes e práticas que são indispensáveis na construção da Agroecologia, no manejo, na produção dos agroecossistemas, nas atividades participativas sociais, políticas e econômicas. É de caráter urgente assumirmos uma ATER comprometida com as relações de gênero para romper com as desigualdades e opressões historicamente impostas sobre as mulheres do campo, cidade, floresta e das águas.

Já o bordado livre revela a potência de uma arte manual capaz de dialogar com a realidade. Uma expressão e linguagem hábil a comunicar, denunciar e manifestar sobre diferentes temáticas e contextos. Pode ser, portanto, uma ferramenta pedagógica de modo a auxiliar os processos de ensino-aprendizagem de diferentes públicos e faixa etária.

A partir de agora, olharei para o mundo com as lentes da Agroecologia, Campesinato e Educação Popular. Despertada a construir os conhecimentos através do meu território, me volto para ele, pois é o lugar onde quero atuar e exercer minha profissão como educadora. Desejo trabalhar com consultoria na área de apicultura, meliponicultura e sistemas agroflorestais com grupo de mulheres e jovens através de



Metodologias participativas. Incentivar sujeitos que historicamente são negados e excluídos do acesso à terra e da geração de renda no núcleo familiar.

Concluo essa etapa horando todas as mulheres que vieram antes de mim, celebro essa conquista por todas elas que não tiveram condições de estudar, inclusive minha mãe. Sou a primeira filha a ingressar e concluir o ensino superior. Viver o regime de alternância entre estados foi a coisa mais desafiadora, atrelada a necessidade de ter que trabalhar para se manter financeiramente nessa jornada. Desistir nunca foi uma opção, mesmo com a pandemia e a avalanche de problemas e sofrimentos vividos. É muito gratificante encerrar esse ciclo com a escrita desse Memorial, por que reafirma minha ancestralidade e fortalece o compromisso de continuidade do meu modo de vida no meu território.

#### 4 REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. Feminismo e sujeito político. **Revista Proposta**. Rio, 2005.

CALAÇA, Michela. Feminismo camponês popular: contribuições à história do feminismo. **RURIS (Campinas, Online)**, v. 1, 2021.

ESMERALDO, Gema Galgani Silveira Leite. As lutas das mulheres camponesas na contramão da civilização capitalista. **ASSIS, GO; MINELLA, LS; FUNCK, SB Entrelugares e mobilidade: desafios feministas**. Tubarão: Ed. Copiart, 2014.

GONÇALVES, Maria Aparecida Alves; BORGES, Islândia Maria Souza. ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO: 20 anos construindo o bem viver (2001-2021). **Publicação Comemorativa**, Independência-CE, ano 2021, v. 01, n. 01, p. 8-12.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Editora da Universidade UFRGS, 2001.

PEREIRA, Isabel Brasil et al. **Dicionário da educação do campo**. 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e patriarcado. **Castillo-Martin M, Oliveira S, organizadores. Marcadas a ferro**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. Editora Petrópolis LTDA, 2009.

WANDERLEY, M. de NB (1996). Raízes históricas do campesinato brasileiro. **XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17: Processos Sociais Agrários**, 1996.

ZIANI, B. Tempo de Bordar. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2013. DOI: 10.9771/23172428rigs.v2i3.9730. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/9730>. Acesso em: 20 abr. 2024.